

INDIVIDUALISMO, SUBJECTIVIDADE E RELAÇÃO SOCIAL

Nas modernas sociedades complexas, está em desenvolvimento um processo de desestruturação e de reestruturação das relações sociais, que conduz a um vasto movimento de ruptura dos tradicionais contactos inter-individuais ou, ao menos, à sua profunda alteração, e à criação de novos ligames associativos (ou como tais considerados) em outros espaços quer de liberdade quer de pseudo-liberdade.

Nas sociedades tradicionais, o indivíduo aparece, em medida considerável, dissolvido na colectividade. A existência tem aí uma dimensão essencialmente comunitária. A individualização é o resultado de um lento e demorado processo.

Com a generalização do individualismo — enquanto resultado mais extremo dessa individuação —, é, ao contrário, o colectivo que tende a dissolver-se. Tal dissolução exprime-se na crescente/decrescente homogeneização social.

A actual afirmação exacerbada do individualismo, com a debilitação da relação entre a pessoa e a colectividade, é, por sua vez, contemporânea da perda da subjectividade, enquanto dimensão essencial do homem. O desaparecimento das transcendências ou de uma ordem objectiva de valores deixa o sujeito num espaço vazio, onde a inter-subjectividade tende a perder toda a sua significação e dimensão. É neste antagonismo criado entre o individualismo e o esvaziamento da subjectividade que radica a crise actual da relação social. Daí resulta a importância que deve ser dada à abordagem do ligame social.

O nosso propósito consiste em procurar compreender este fenómeno, evidenciando a emergência de outras identidades e dos novos ligames sociais, a partir daquele antagonismo, e os mecanismos por ele postos em acção.

1. Uma visão diacrónica, ainda que rápida, das conexões existentes entre o indivíduo e a sociedade proporcionará, pelo pano de fundo que cria, uma melhor compreensão dos actuais ligames sociais.

A configuração que a sociedade global apresenta actualmente deriva de uma longa evolução. A análise do seu processo genético e a consideração dos seus mecanismos formadores poderão oferecer o justo e adequado entendimento deste fenómeno, ao relevar o sentido da tendência histórica.

Lançando um olhar retrospectivo sobre o passado, observa-se, de imediato, que quanto mais se recua no tempo mais também a vida colectiva se apresenta sob a forma de comunidades concêntricas e abrangentes. O indivíduo aparece, em tal contexto, como um átomo inserido numa rede apertada de moléculas sociais. Dois aspectos merecem ser sublinhados nessa situação. Em primeiro lugar, é dada prioridade aos grupos e agrupamentos. Comprovam-no as análises das estruturas familiares realizadas pela sociologia e pela antropologia e a atenção prestada pelos estudos sócio-históricos à constituição dos «estamentos» medievais. O indivíduo não mantém aí um contacto directo com a sociedade. Essa relação é mediatizada por uma série de comunidades que se encaixam sucessivamente e que é necessário atravessar para se atingir a sociedade global. As análises de F. Tönnies, de E. Durkheim e G. C. Homans sobre a *Gemeinschaft*, a solidariedade «mecânica» e o grupo primário revelam bem o tipo de ligames sociais característicos das sociedades tradicionais. Dada esta constituição societal, torna-se difícil ao indivíduo estabelecer contactos para além da família, da aldeia ou da freguesia. Daí resulta a importância que, nessa época, desempenham os «notáveis». Presentes nas diferentes comunidades, mas sendo-lhes igualmente exteriores, esses «notáveis» proporcionam contactos mais alargados e relações mais estreitas com os principais órgãos do poder, nos diversos níveis da hierarquia do sistema político.

Por outro lado, e como consequência natural de uma tal constituição do tecido social, os indivíduos vivem para os grupos e não estes para a promoção daqueles. O familismo, o carácter fechado das associações, as reivindicações regionais ou institucionais, a xenofobia, são expressões características dessas sociedades que, aqui e além, ainda hoje se conservam ou, em situações apropriadas, tendem, por vezes, a reafirmarem-se. Nesta situação de

elevada dissolução, ao indivíduo é dado pouco espaço. Os processos de regulação são espontâneos e inscrevem-se num cerrado tecido social. Assim se concebe a vida social e se praticam as relações entre os homens. Ao contrário do que se irá observar mais tarde, os contactos inter-individuais são limitados ao espaço imediatamente envolvente, mas socialmente densos. Progressivamente, vão perdendo essa densidade ao mesmo tempo que, um pouco de forma paradoxal, se alargam. O desenvolvimento histórico e o aumento da população produzem um enfraquecimento das relações sociais. Os dois fenómenos desenrolam-se contemporaneamente. Dir-se-ia que o seu enriquecimento em extensão é sempre acompanhado de um empobrecimento em compreensão.

É a partir sobretudo do Renascimento que se produz, no mundo ocidental, a individualidade, isto é, a libertação interior e a capacidade de movimentação das pessoas em relação às comunidades tradicionais, que haviam nivelado as diversas formas de vida em grupos de *status* diferenciados e que continham a liberdade e a responsabilidade próprias de cada um. A afirmação de tal individualidade conduz, no século XVIII, ao desenvolvimento do individualismo realizado, segundo Georg Simmel, na base da «*igualdade natural* dos indivíduos», artificialmente constituídos em situações de desigualdade. O ser humano é progressivamente libertado de toda a coacção exterior e, em consequência, em vez de ser considerado como historicamente dado, isto é, particular e diferenciado, passa a revestir-se de características de universalidade. No entender de Georg Simmel, «o ponto mais profundo da individualidade é o ponto da igualdade universal». Assim, o século XVIII «constitui em substância última da personalidade a individualidade libertada de todo o entrave e determinação particulares». As relações sociais servem exclusivamente a busca que o indivíduo faz de si mesmo. Este processo de constituição da individualidade é depois acentuado, no século XIX, pelo romantismo, movimento que cria as condições para uma nova tomada de consciência do homem e da sua experiência, e produz aquilo que Georg Simmel designa por «individualismo da alteridade». Alexis de Tocqueville dá-se bem conta, nessa época, do desenvolvimento do processo analisado por Simmel quando afirma: «Os nossos pais não tinham a palavra *individualismo*, que nós inventamos para nosso uso, porque, no seu tempo, não havia de facto indivíduo que não pertencesse a um grupo e que pudesse considerar-se absolutamente

só». Existia «uma espécie de individualismo colectivo, que preparava as almas para o verdadeiro individualismo que conhecemos», esse «egoísmo individual» transformado em «uma espécie de ferrugem das sociedades» (1). A época contemporânea veio a conhecer depois, como iremos mostrar, outras metamorfoses do individualismo e novos desenvolvimentos da pessoa, entendida como única e livre.

Não é, no entanto, de forma fácil que a individuação se afirma na história. Se, do ponto de vista filosófico, se pode afirmar que o indivíduo é lógica e ontologicamente anterior à sociedade, do ponto de vista sociológico é o contrário que se verifica. O indivíduo emerge, no devir do tempo, através de um processo tão lento como acompanhado de conflitos. Com muita dificuldade, a vida social perde o seu carácter abrangente e tutelar. A solidariedade natural, que E. Durkheim chamava «mecânica», resultante do primado comunitário, apenas no século passado entra em franca desagregação. O humanismo racionalista desempenha, nesse processo, um papel capital, ao accionar a vontade de libertação e de autonomia, e ao consagrar o homem como princípio de todas as coisas.

2. Esta breve referência histórica afigura-se-nos necessária para introduzir o conceito de individuação. Por esta expressão, queremos significar o movimento através do qual a pessoa humana, sem perder totalmente os seus tradicionais ligames sociais ou em rompimento com eles, se afirma em crescente autonomia, capaz, por isso, de pensar e de agir com um certo distanciamento em relação ao seu meio ambiente. Se outrora as grandes opções existenciais eram tomadas, no seu essencial, pelas diferentes comunidades de pertença e se as situações determinavam fortemente os padrões de conduta, agora, por força de um contínuo movimento de libertação, são criados espaços de liberdade, onde a acção em autonomia se torna, ao menos em teoria, cada vez mais possível e realizável. Ao elevado grau de fechamento da estrutura social,

(1) Georg Simmel, *Philosophie de la Modernité*, Paris, Payot, 1989, pp. 293, 295-298, 300, 301, 303 e 304; Alexis de Tocqueville, *L'Ancien Régime et la Révolution*, Paris, Idées/Gallimard, 1982, p. 176 e *A Democracia na América*, Lisboa, Estúdios Cor, 1972, p. 182; Rudolf Steiner, *L'Être Humain dans l'Ordre Social*, Paris, Centre Triades, 1990.

com estandardização dos comportamentos, sucedem as diversas formas de mobilidade que levam, por sua vez, à ideação de outros universos.

A deambulação social foi-se, deste modo, constituindo o mundo do homem, enquanto campo de racionalidade-irracionalidade, liberdade-determinismo, iniciativa-acomodação e criatividade-mimetismo. A progressiva conquista do domínio pessoal traduz a história do homem, de um ser que adquire a liberdade, libertando-se e subjectivando-se, abrindo a pessoa, em autonomia relativa, ao meio que a rodeia e promovendo novos laços que a ligam aos outros. Estes não lhe aparecem como obstáculo cerceador do espaço próprio, mas como fonte alimentadora do seu crescimento. Tal processo conduz, de facto, à realização da pessoa como liberdade situada.

A individuação, alargando a autonomia e afrouxando os ligames, as relações e as pressões sociais, cria simultaneamente a capacidade de opção e de decisão. Na sua base e como motor da sua promoção, encontra-se uma outra concepção da dignidade humana e dos seus direitos. Como resultado da confluência de diversos factores, materiais e espirituais, um novo humanismo se afirma. A diversificação das fontes de riqueza, a extensão crescente dos níveis de posse, à mistura com as ideias filosóficas e as doutrinas que, nomeadamente desde o século XVIII, se fizeram sentir em toda a Europa, concorrem para o dealbar e a afirmação de novas formas de individuação. Constitui também causa determinante deste fenómeno a formação das classes sociais, especialmente da burguesia emergente. A acelerada industrialização e a difusão dos valores burgueses promovem, pela acentuação dada à iniciativa privada e ao esforço pessoal, a desagregação da estabilidade estrutural das comunidades tradicionais. Multiplicam-se os contactos sociais, diferenciam-se os agrupamentos e aumenta a mobilidade de todo o género. A pressão colectiva, que anteriormente operava como factor auto-regulador, perde parte da sua capacidade de influência. A permeabilidade dos grupos e agrupamentos permite às pessoas a fuga a uma forte consciência colectiva, que nessas circunstâncias se dilui, a afirmação dos seus próprios projectos e a valorização da sua criatividade. Liberta-se o indivíduo e valoriza-se a pessoa humana. Nesta fase, não se mostram de forma antagónica a individuação e a consciência da subjectividade. São movimentos que se interpenetram e se associam na sua marcha.

Os diferentes sectores da vida social não se estruturam nem se transformam, no entanto, da mesma maneira, sendo de esperar, em consequência, que as mudanças em curso não os atinjam de igual modo e com idêntica intensidade. A adopção de um esquema monista de explicação seria, por isso, inadequado à compreensão de situações tão variadas. Reconhecendo esta diferenciada transformação social, queremos salientar a actual tendência para um acentuado individualismo, com as suas variadas manifestações nos diversos contextos sociais.

3. A promoção de um tal fenómeno faz-se à custa da ruptura e da consequente descontinuidade operada no tecido social, e é marcada por duas tendências de sentido oposto: uma de individuação personalizante, outra de despersonalização individualista. Porque a individuação se opera mediante um processo conducente à dissolução dos diversos agrupamentos, desde logo tende a degenerar em individualismo. Este individualismo aparece na história como a consequência mais extrema da individuação. Se nesta existe a abertura aos outros, implicando, por isso, descentração e desapossamento-disponibilidade, aquele é, por sua natureza, ego-cêntrico e centripeto, negando ao homem a sua condição relacional de pessoa e conduzindo a sociedade a uma situação de massa. A individuação é compatível com uma forte solidariedade social e uma densa rede de relações inter-individuais, enquanto que o individualismo desdenha dos padrões culturais tradicionalmente impostos, numa sociedade onde a divisão do trabalho se generaliza e a consciência colectiva deixa de ser abrangente.

Algumas das ideias fundamentais do modernismo, desde o século XVI, como acima referimos, são a de que a unidade de base da sociedade é o individuo e a de que o ideal que a anima é o homem autónomo, na posse de si mesmo e no uso da sua liberdade. Nesta perspectiva, as instituições ou são postas em causa, por vezes com algum afrontamento, ou vão perdendo a sua importância. Daí nascem a burguesia e sobretudo o espírito burguês, que despertam a industrialização e a mudança da estrutura social, e o artista e o intelectual independentes de todas as convenções e dos mecenas habituais. A sociedade burguesa introduz um individualismo radical que atinge progressivamente as diversas expressões da actividade social, que, por sua vez, promove um novo tipo de cultura. A autenticidade do ser humano é procurada

por toda a parte e a todo o preço. A busca desta autenticidade torna-se, de facto, uma característica importante do modernismo.

O individualismo, que grassa hoje em dia nas sociedades ocidentais e que está na origem dos fenómenos de massa, deriva da confluência de dois movimentos que se cruzam e interagem. No processo de libertação, por que passou a sociedade nos tempos modernos, o distanciamento em relação ao meio ambiente e o desenvolvimento da autonomia pessoal aparecem simultaneamente como negação de opressões do passado e como afirmação de uma nova forma de ser e de estar no mundo. A aventura industrial e as mais diversas transformações de carácter social, cultural e político, entretanto operadas, muito haviam de beneficiar de uma tal auto-afirmação pessoal, ao mesmo tempo que para ela concorrem. Por outro lado, o enfraquecimento dos grupos intermédios e a perda da capacidade de apoio que outrora davam aos indivíduos deixam estes num espaço vazio. A individuação havia produzido a autonomização em relação aos grupos e agrupamentos. Agora, o desaparecimento das instituições comunais e das formas de associações intermédias constitui-se em factor que acompanha e reforça a transformação daquela individuação em individualismo. Pela lógica dos sistemas constituídos e pela força da mudança social, o individualismo havia de se acentuar em ritmo crescente. Neste processo, aproveita do ideal de individuação e da sectorização e atomização da sociedade. O homem vai-se sentindo mais pessoa, à medida que foge ao controlo apertado da consciência colectiva e das pertenças englobantes, mas, em contrapartida, faz a experiência do isolamento e, por vezes, da desolação, que culmina na dessubjectivação. Compreende-se, por isso, que a teoria da desintegração social seja obrigada a integrar actualmente a do vazio social.

Parece estar em curso, hoje em dia, um novo processo de individuação, diferente do que se tem vindo a desenvolver, e mais adequado à presente situação de massa. Gilles Lipovetsky afirma que estamos a viver uma «segunda revolução individualista», caracterizada por uma profunda remodelação da vida social, atingindo as filiações ideológicas e a estabilidade psico-social das pessoas. Esta seria uma outra fase da maturação histórica do individualismo. A «sociabilidade disciplinar», no entender deste autor, tem cedido o lugar a uma maior liberdade nas escolhas,

com a diminuição do constrangimento nas relações sociais ⁽²⁾. Por toda a parte se difunde, na verdade, um outro individualismo, personalizado e hedonista, não mais limitado mas total. Trata-se de um narcisismo que, abandonando o solipsismo, adopta diferentes formas de inter-individualidade, ainda que com fraca carga de inter-subjectividade. Se outrora o individualismo apresentava características de a-sociabilidade — situação que ainda predomina em muitos casos —, na sociedade que está em vias de formação, não obstante a ausência de quadros de referência estáveis e absolutos, reveste-se de uma dimensão inter-subjectiva transformada. Instaura-se uma relação social neutra e vazia, apoiada por uma cultura mass-mediática, que permite frequentemente um trabalho e uma acção de permanente (re)descoberta de algo sempre mais fluido.

O próprio meio ambiente é estruturado de modo a pulverizar a sociabilidade, privilegiando-se o movimento e a circulação indiferentes. Daí deriva uma profunda instabilidade nas ligações entre as pessoas. Nesta «civilização do narcisismo», como lhe chama Christopher Lasch, surge a vontade de se viver só e desenvolve-se a indiferença e a invulnerabilidade em relação aos outros ⁽³⁾. O mundo aparece como um espelho para o narcisista, enquanto o individualista de tempos passados o via como susceptível de por ele ser modelado. O indivíduo narcisista tende a limitar-se à experiência imediata, buscando a identidade à margem de toda a relação inter-subjectiva. Os actores sociais limitam-se a condutas segmentadas e ocasionais. Uma vez operadas a destruição de toda a acção de carácter pessoal e a queda no vazio, perde-se o distanciamento crítico e a criatividade. Este universo em que as relações sociais se dissolvem, essencialmente hedonista e narcisista, é um mundo de aparências, de mercadorias e de objectos, isto é, ávido de acção, de sensação e de novidade, imerso e ao sabor de uma cultura visual.

(2) Gilles Lipovetsky, *L'Ère du Vide*, Paris, Gallimard, 1987, pp. 7-11 e 15 e *O Império do Efémero*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989; Jean Baudrillard, *Simulacres et Simulation*, Paris, Galilée, 1981 e *Le Système des Objets*, Paris, Denoël/Gonthier, 1981; Alain Touraine, *Le Retour de l'Acteur*, Paris, Fayard, 1984.

(3) Christopher Lasch, *Le Complexe de Narcisse*, Paris, Robert Laffont, 1980; Richard Sennett, *Les Tyrannies de l'Intimité*, Paris, Seuil, 1979.

Esta atitude hedonista é uma expressão do pós-modernismo e tem como eixos principais a fruição do consumo e dos tempos livres, e a espontaneidade na afirmação pessoal. Tal movimento pós-modernista está ligado ao actual processo democrático, expresso no derrube de todas as hierarquias, ao neo-romantismo que, negando as ordens de transcendência, busca valores relativizados que satisfaçam a variação dos estados de espírito, e à corrente anti-burguesa baseada em princípios racionais e eticamente austeros.

Ao mesmo tempo que se recusam as vinculações que impedem o ser humano de ser ele mesmo, com a reivindicação de um espaço próprio e da capacidade de gestão do seu tempo, experimenta-se também a falta de um relacionamento estreito, profundo, de forte densidade, que o liberte do cansaço dos contactos episódicos e superficiais em que tendem a converter-se as relações sociais actuais. O individualismo mina os mais diversos grupos e instituições. Esta é a grande mudança antropológica dos nossos dias. Uma vez criado o isolamento, ele gera por si mesmo o desejo de mais isolamento ou, na dialéctica do individualismo/anti-individualismo, produz outras formas de individuação e de associação.

4. É precisamente neste novo contexto que aparece o problema do esvaziamento da subjectividade, traduzida no embotamento do sentido da própria pessoa, causa e efeito da dissolução das diversas colectividades. Não se pode confundir individualismo com subjectividade. O primeiro implica uma dessubjectivação, conferindo à vida social o carácter de relação sem sujeito, embora indissociável da liberdade e da independência; o segundo define-se como autonomia e como humanismo. O indivíduo, porque é livre, contacta e inscreve-se num quadro de relações igualitárias. A pessoa é tributária dos outros e situa-se num espaço social (4). Se hoje

(4) Marcel Mauss, *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 1973; Luc Ferry et Alain Renault, *La Pensée 68. Essai sur l'Anti-humanisme Contemporain*, Paris, Gallimard, 1985; Luc Ferry et Alain Renault, *Des Droits de l'Homme à l'Idée Républicaine*, Paris, PUF, 1985; Alain Renault, *L'Ère de l'Individu*, Paris, Gallimard, 1989; Arthur Schnitzler, *Relations et Société*, Paris, Éd. Rivages, 1989; Alain Laurent, *De l'Individualisme*, Paris, PUF, 1985 e *L'Individu et Ses Ennemis*, Paris, Hachette/Pluriel, 1987; Elisabeth G. Sledziewski, *Révolutions du Sujet*, Paris, Meridiens Klincksieck, 1989; Jean-Pierre Vernant, *L'Individu, La Mort, l'Amour*, Paris, Gallimard, 1989; Pierre Birnbaum et Jean Leca, *Sur l'Individualisme*, Paris, P.F.N.S.P., 1986; MacPherson, *La Théorie Politique de l'Individualisme Possessif*, Paris, Gallimard, 1971; Louis Dumont, *Essai sur l'Individualisme*, Paris, Seuil, 1983.

se reveste de particular importância o individual é porque a pessoa se perdeu e se busca como sujeito. Por subjectividade, queremos designar o que no ser humano há de interioridade pessoal, de racionalidade e de consciência, e de envolvimento com os outros. Sendo o homem, por sua própria natureza, relacional, o seu desenvolvimento exige necessariamente a inter-subjectividade. Aqui reside o primeiro paradoxo. Postulando a constituição do homem e a sua crescente tomada de consciência uma constante relação inter-individual, este contacto aparece rarefeito numa situação em que a pessoa se encontra entregue a si mesma e menos se abre aos outros. O sentimento de solidão progride também, de facto, à medida que se multiplicam os encontros, do mesmo modo que o esvaziamento da relação pessoal intensa acompanha o aumento da possibilidade de ligames proporcionados pela emancipação dos antigos constrangimentos. O sentimento de anonimato cresce com a «humanização» da sociedade, assim como a falta de confiança em si mesmo aumenta com a afirmação generalizada da tolerância. Mas existe ainda um outro paradoxo. Com a perda de uma ordem de transcendência, entrada a sociedade na era pós-metafísica e pós-religiosa, quando se esperava um maior desenvolvimento do humanismo, opera-se antes o seu aniquilamento. A comunicação com os outros e a relação com uma ordem de transcendência são elementos constitutivos da personalidade humana. Num espaço despido de tais referências, o indivíduo fica esmagado sob o peso do seu isolamento, quiçá da sua solidão e desolação. O homem perdeu a capacidade — ou esta capacidade está atrofiada — de sonhar com os outros e de acreditar com os outros ou de sonhar e de acreditar no que eles sonham e acreditam.

A dessubjectividade, que acompanha actualmente um exacerbado individualismo, é o resultado, portanto, da ruptura dos ligames sociais, nomeadamente da dimensão comunitária da vida, e do desaparecimento dos referenciais de transcendência que dão à existência um sentido e uma finalidade. A crise da dessubjectividade, enquanto perda da própria identidade, num dado espaço social, resulta de um conjunto de transformações de ordem sócio-cultural, que se operaram ou estão em vias de se operar nas sociedades actuais, em que as normas, os valores e os tipos de relação social são abalados. Nesse vazio criado por tais isolamentos tende a aparecer mais o indivíduo do que a pessoa. Se, na sociedade tradicional, a falta de individualismo não traduz o

apagamento do humanismo, nos tempos modernos aquele anda quase sempre acompanhado da perda da subjectividade, num mundo crescentemente desumanizado. Tal é a situação paradoxal que se constituiu progressivamente no contexto existencial do mundo ocidental.

5. Com base na demonstração que temos vindo a fazer, poder-se-á agora proceder à análise dos movimentos que perpassam actualmente a sociedade.

Uma primeira tendência manifesta-se claramente no interior das mais diversas colectividades, onde a afirmação acentuada do individualismo se cruza com o abandono da subjectividade. Quando aquele é levado à sua expressão mais extrema, esta deixa de ser característica fundamental da pessoa. Tais são as situações da chamada sociedade de massa, sociedade em que existe uma generalizada atomização social e uma dissolução das relações inter-subjectivas. Em muitas sociedades europeias, estas relações têm vindo a perder em frequência e em intensidade. A massificação — isto é, standardização e homogeneização da vida social —, em grande escala, é precedida e acompanhada de uma desagregação dos agrupamentos e de uma pluralização e relativização das culturas.

Uma outra tendência, já esboçada aqui e além, conduz, de forma dialéctica, a uma crescente diferenciação. Se a massificação cria, numa primeira fase, uma geral homogeneização, com o nivelamento das individualidades, a igualização das condições de vida e a rotinização das condutas ⁽⁵⁾, aquela homogeneização origina, numa segunda fase, um processo de individualização heterogeneizante. Neste novo contexto, tende a buscar-se, no entanto, a relação individual superficial que deixe à pessoa a independência afectiva. Segundo Jean Baudrillard, «passou-se do inferno dos outros à êxtase do mesmo, do purgatório da alteridade ao paraíso

(5) Hannah Arendt, *Le Système Totalitaire*, Paris, Seuil, 1972, pp. 39-40 e 53; Jean Baudrillard, *À l'Ombre des Majorités Silencieuses*, Paris, Denoël/Gonthier, 1982, pp. 8-9; Georges Gurvitch, *La Vocation Actuelle de la Sociologie*, PUF, 1963, vol. I, pp. 119-248; Jacques Zylberberg, *Masses et Postmodernité*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1986.

artificial da identidade» (6). O ser humano, individualizado e igualizado, apresenta-se, então, como fim último, capaz de dispor livremente de si, centrado sobre si mesmo e independente, num isolamento perfeitamente aceite e suportado. Quanto mais a homogeneização universal se torna iminente, mais se impõe a irreducibilidade do particular. A autonomia pessoal transforma-se em ideal. No entender de Gilles Lipovetsky, a originalidade do movimento pós-moderno consiste no «predomínio do individual sobre o universal, do psicológico sobre o ideológico, da comunicação sobre a politização, da diversidade sobre a homogeneidade, do permissivo sobre o coercitivo» (7). A homogeneização leva dialecticamente, pelo antagonismo produzido pela energia vital, à diferenciação, mediante o processo espontaneamente gerado de recusa do isolamento e da desolação, e de procura da diferença e da alteridade face à igualização generalizada. Algumas oposições se manifestam aqui: homogêneo-heterogêneo, mesmo-diferente, idêntico-dissemelhante, nivelamento-hierarquização. Tais dicotomias traduzem a dialéctica que anima as sociedades modernas no seu duplo movimento, de sinal oposto, para a massificação e para a diferenciação. Não existe, porém, sincronia nestes movimentos. Enquanto em muitos lados, se observa uma tendência para a massificação, noutros, assiste-se já a uma reacção contra a homogeneização.

A par, portanto, de uma homogeneização massificante, que se vai apoderando das sociedades ocidentais, ainda que em ritmo e em dimensão variáveis, está igualmente em curso um movimento criador de formas sociais heterogeneizantes e personalizadas. Massificação e individualização são correntes que atravessam, de facto, o mundo moderno. Ao lado de um movimento para a homogeneização, desenvolve-se uma corrente para a heterogeneização, cruzando-se assim a tendência para a fusão com a fuga para a diferenciação, gerando cada um destes fenómenos o seu contrário. Tais sociedades encontram, neste permanente antagonismo, a sua vitalidade, resolvendo dessa forma igualmente a dialéctica entre o mesmo e o outro, o idêntico e o diverso, a

(6) Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990, p. 65.

(7) Gilles Lipovetsky, *O. c.*, p. 129.

inclusão e a exclusão, a uniformidade e a individualidade. A diferença é uma condição essencial à vida, e a sua produção é um factor capital da afirmação da alteridade e da dinâmica social.

Tal personalização é, contudo, diversa da que ocorreu desde os inícios dos tempos modernos. No passado ela pautava-se, de facto, por um ideal de libertação e de individuação, em luta contra o carácter absorvente e tutelar dos grupos e das comunidades. Hoje, ao contrário, ela emerge sob um fundo de massificação. Se outrora a individuação se afirmava a partir de um forte controlo social, actualmente assiste-se à emergência de novas formas de consciência electiva sobre a base de um individualismo geral. O homem busca presentemente os referenciais de que carece para se salvar como pessoa. É a sua própria integridade que está em causa. Encontramos, em muita parte, um homem angustiado e angustiante que, ao concentrar-se exclusivamente sobre si, se desencontra e se perde, e que sente, sem porventura ter experimentado, que os ligames sociais estreitos contribuem mais para a sua personalização do que o abandono a que está votado. Tendo-se, na verdade, descoberto totalmente como individuo, perdeu-se como pessoa.

6. Dessa situação resultam comportamentos em geral díspares e por vezes mesmo contraditórios, condutas que os psicólogos e psicanalistas designam frequentemente por crise de identidade do adulto. Em tais análises são, no entanto, isoladas as variáveis sociais, ou a elas não é dada a importância que merecem, variáveis que por nós serão, de seguida, exclusivamente consideradas.

6.1. Em casos de homogeneização mais ou menos generalizada, a tendência será para a busca do que é diferente, do que sai do vulgar, do que é novo, isto é, daquilo que ainda não é e dos espaços que ainda não se habitaram. São belas as paisagens que se vêem pela primeira vez e que a habituação não embotou. O homem é, em grande medida, também o que nunca talvez virá a ser. Vai sendo, por isso, uma descoberta contínua de si mesmo e uma busca daquilo onde jamais esteve ou que deseja reencontrar. Nesta situação de alteridade absoluta, em que é generalizado o autismo social, o mesmo acaba por ocupar todo o espaço do outro. Esta diferença tão angustiadamente procurada destrói a alteridade. A deambulação do homem moderno pelos diversos lugares, porque

à descoberta do diferente e não da alteridade, fá-lo experimentar a sensação de não estar em parte alguma, porque apenas a relação pessoal alimenta a memória colectiva e o sentido do posicionamento nos espaços.

Esta busca de algo que venha quebrar a rotina do quotidiano inscreve-se, por vezes, no contexto de uma difusa insegurança e do medo ao imprevisto iminente do presente e sobretudo do futuro. Tal demanda do diferente, também não raro expressão de um estado de indiferença em relação aos outros, obedece à lógica da frustração. Um sentimento de solidão, de vazio, de absurdidade da vida, produz um larvado mal-estar. Esse vazio rouba às pessoas a capacidade de sentir, de se entusiasmar e de se empenhar. A existência torna-se aqui perfeitamente desencantada e amorfa, errante pelos «labirintos do vivido»⁽⁸⁾, e o que ainda lhes resta de sentido do presente e do futuro deve-se aos laços muito ténues que mantêm com o seu semelhante. O homem encontra-se aqui apenas no espelho de um outro distante e difuso. Em tudo o mais, se alonga o deserto. A vida social decorre, então, habitualmente em situações de banalidade, num palco onde a permanente exibição retira às pessoas o seu segredo e a sua densidade interiores. Na sociedade pós-igualitária, a relação social processa-se numa atmosfera de anonimato e de indiferença. Porque a massificação é profunda e alargada, sem possibilidade de regresso à pessoa, quando se encontra aquilo que se julga ou se espera ser novo e diferente, logo se cai na frustração e na indiferença. Neste deserto, feito de tédio, de fadiga e de sono, e onde o excesso de liberdade gera o medo da liberdade, tornando o homem presa dos «fantasmas no quotidiano»⁽⁹⁾, a sede da novidade jamais poderá ser saciada. Procura-se ansiosamente algo que, uma vez encontrado, produz ansiedade ainda maior. Acaba-se assim por se detestar

(8) A. Moles et E. Rohmer, *Labyrinthes du Vécu*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1982.

(9) L.-V. Thomas, *Fantasmes au Quotidien*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1984; Franco Crespi, *Médiation Symbolique et Société*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1983; Gillo Dorfès, *L'Intervalle Perdu*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1984; W. Ackermann, R. Dulong et H.-P. Jeudi, *Imaginaires de l'Insécurité*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1983; Michel Miranda, *La Société Incertaine*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1986.

o que tão afanosamente se ansiou, caindo-se na monotonia da novidade. Individualizadas e anestesiadas as consciências, no permanente gulag em que se converteu a existência, tanto irrita a quietude como perturba a mudança.

Em tal situação, os ligames sociais encontram-se totalmente rompidos e a recomposição do tecido colectivo passa necessariamente pela redescoberta de novos valores e pela reconstituição do sistema de relações inter-individuais personalizadas. O ritmo acelerado da vida, com a separação entre o lugar de trabalho e de habitação, leva as pessoas a procurarem o espaço privado individual onde raramente acabam por se encontrar. Mas, por outro lado, a sociedade, pela sua diferenciação crescente, oferece, hoje em dia, um maior número de escolhas. As pessoas são atiradas em direcções contrárias e, face à diversidade de opções, acabam frequentemente por nada encontrar. Num tecido social assim cancerígeno, os antagonismos e as contradições tornam-se imediatamente aparentes.

6.2. Desde que se opere a personalização de tipo novo, da era pós-homogeneizante, a conduta apresenta modalidades diferentes. Não se trata já de fuga a si mesmo, na evasão do diferente, nesse mundo de simulacros em que a vida se tornou para muitos, mas de uma redescoberta pessoal sob novas coordenadas. A secularização, o abandono da dimensão metafísica da existência, a relativização dos valores, a perda do carácter ético da actividade, são alguns dos factores que forçam o homem a converter o efémero e o precário em condição normal. Busca-se a religião sem se acreditar em Deus, procede-se eticamente sem se obedecer a algum imperativo categórico, encontra-se uma certa exaltação da vida sem se pautar por uma ordem objectiva de valores. A existência, perdendo em finalidade e em sentido, adopta a indiferença como característica particular, fazendo desaparecer o carácter dramático da vida. Em tal contexto, pretende-se curar os males da dessubjectivação com o estabelecimento de novas relações. O reencontro da coerência, apoiada em outro sentido e em outra esperança — ainda que, por vezes, sob a forma de sentido do não-sentido e de esperança da não-esperança —, constitui um fundamento diferente de ser e de estar no mundo.

A afirmação crescente do individualismo é acompanhada, por vezes, em tal situação, de uma acentuada subjectivização. O esva-

ziamento da subjectividade tornara aquele individualismo insustentável. O sujeito perdido num espaço vazio, em crise de identidade, inicia um processo de identificação e de identidade. Daí resulta a tendência para a aproximação de certos grupos ou para a assunção de outros padrões de conduta ou ainda para a sintonia com alguns sentimentos fortes em curso de circulação. Aí radicam as novas redes de relações sociais na sociedade massificada de hoje, cristalizadas sob a forma de pequenos grupos ou de encontros mais ou menos fortuitos mas efervescentes. Diversificam-se, no entanto, as situações. Se uns, nomeadamente os jovens, procuram aquela autonomia através da sua deambulação associada, de forma electiva, num espaço anónimo, outros buscam antes as suas referências identificadoras e, às vezes, o novo na nostalgia do passado. São indicadores diferentes de um mesmo processo de criação do social, de uma idêntica tendência para a valorização dos grupos, mas onde é dada primazia à consciência pessoal. A individuação é, desde então, indissociável da reafirmação comunitária, revestindo-se, em consequência, de características inter-subjectivas. Está, de facto, a emergir um novo tipo de sociedade centrada sobre o grupo, bastante diferente da do passado.

As relações sociais, nessa altura, restabelecem-se, em dimensão e em intensidade, à medida do valor do homem como fonte de significação. A sociabilidade produz-se a partir de uma individuação em que é salvaguardada a autonomia pessoal. Se acaso o princípio protagoriano de que o homem é a medida de todas as coisas se afirma na sua plenitude, um valor relativamente absoluto (na prática, absolutamente absoluto) impõe-se como base dos ligames sociais. Uma vez afirmada e alargada a zona de autonomia, o risco consiste no facto de cada um poder vir a tornar-se o centro da relação e o critério de toda a apreciação e julgamento, reduzindo-se os outros a meros pretextos, contextos ou instrumentos. Muitas das relações sociais, na actualidade, aparecem viciadas de uma tal instrumentalização. Quando se evita um tal extremo, o homem, consciente de si e auto-gerido, tende a encontrar um novo equilíbrio numa situação estruturalmente instável, tornando-se fonte de inovação, promotor de transformação e director da ordem social.

Os níveis de massa não destroem os níveis de diferenciação; dialecticamente tendem a acentuá-la. Na medida em que a sociedade oferece outras possibilidades de escolha, o homem torna-se

fonte renovada de iniciativa e de criatividade. Surge uma multiplicidade de experiências que dão origem a novas formas de reciprocidade e de sociabilidade e a outras representações da vida social. Considerando as formas de sociabilidade, Georg Simmel afirma que «a socialização se faz e se desfaz constantemente, e se refaz de novo entre os homens num eterno fluxo e fervescência que ligam os indivíduos, mesmo onde não conduz a formas características de organização» (10). Os jovens são os principais agentes desta mudança e neles está a esperança da sociedade futura.

6.3. Acontece, não raro ainda, que pessoas, colocadas indistintamente nos dois tipos de situações anteriormente esboçados, promovem novas formas de relação e de associação colectivas, apoiando-se no que Michel Maffesoli chama valores «arcaicos», como a religiosidade tradicional, o localismo e o desenvolvimento tecnológico de ponta. Este autor procede à caracterização do novo «tribalismo» que se vai constituindo nas sociedades modernas. Este fenómeno traduz o movimento de redescoberta das antigas vivências sociais, quer no interior de grupos que redefinem, de acordo com a sua sensibilidade actual, a religiosidade de «outrora», quer no espaço das comunidades locais revitalizadas, quer ainda no quadro das actividades de produção científica e tecnológica.

Fala-se, de facto, hoje do regresso da individuação, vendo-se no indivíduo «pós-moderno» o ponto de acabamento narcisístico de uma tendência histórica. Na esteira de Edgar Morin que, na década de 1970, analisa as novas culturas tribais, hippies e comunais, constituídas em «tecido contra-social de tipo novo», Michel Maffesoli, ao abordar «o declínio do individualismo nas sociedades de massa», designa por «tribos» o «vai-vém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento de micro-grupos» ou o «vai-vém entre o estático e o dinâmico» da vida social. Pela «metáfora da tribo» ou do tribalismo, pretende relevar o «processo de desindividualização» e a «acentuação do papel que cada pessoa (persona) é chamada a desempenhar» em diversas manifestações modernas de sociabilidade. Ao contrário, porém, do que sucedia no passado, estas tribos, que se cristalizam nas sociedades de massa, sofrem da flutuação e da mobilidade que caracterizam este mesmo tipo de sociedade.

(10) Georg Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, Paris, PUF, 1981, p. 90.

Nelas e entre elas, as pessoas movimentam-se com toda a facilidade. Com este processo de mudança, «assiste-se tendencialmente à substituição de um *social* racionalizado por uma *sociabilidade* de dominância empática», dando origem a uma «sucessão de ambiências, de sentimentos, de emoções». Nestes grupos, predomina o movimento de «desindividualização», consubstanciado na «partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais» (11). Tais tribos fogem à racionalidade instrumental da sociedade moderna e à lógica de dominação que nela se desenvolve, e buscam as amizades que se justificam por si mesmas, por vezes mesmo sem projectos definidos nem objectivos concretos.

São a materialização e a desumanização da vida actual que produzem estas novas formas de agrupamentos; é o processo de massificação que origina dialecticamente uma tal aproximação e proximidade. O tribalismo é, no entender de Michel Maffesoli, a configuração que assume actualmente a sociabilidade ou solidariedade de base, num mundo votado à solidão e ao desencanto. A desindividualização resulta da fusão comunitária, carregada de um forte investimento emocional, na base de uma sociabilidade electiva e intimista. São, de facto, as redes de grupos que promovem a desindividualização. Já anteriormente E. Durkheim havia chamado a atenção para os agrupamentos como «fontes de inovação» (12) e para a sua coesão. Segundo Michel Maffesoli, «a constituição em rede de micro-grupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade das massas» (13). Estas células de base, ou cristalizações sociais, polarizam actividades crescentes e dão origem a uma renovada vitalidade colectiva.

O revivalismo religioso que, em muitos lados, se manifesta mais ou menos intenso, porventura não significa um reencontro com uma fé perdida em alguma fase da vida, mas talvez um regresso ao reencanto do mundo e uma busca de novos espaços

(11) Edgar Morin, *Journal de Californie*, Paris, Seuil, 1970; Michel Maffesoli, *Le Temps des Tribus*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1988, pp. 17, 24, 25; 33; 36; 39, 93-95, 110, 112, 113, 126, 178 e 182.

(12) E. Durkheim, *De la Division du Travail Social*, Paris, PUF, 1967, pp. XXX e 288-290.

(13) Michel Maffesoli, *O. c.*, pp. 123, 124, 126, 158 e 178. «A tribo em massas vai servir de matriz à sociabilidade em devir». *O. c.*, p. 198.

de sociabilidade ou a recriação de uma dimensão litúrgica, cada vez mais sentida para a existência. Um tal revivalismo, porque se foi apagando a ideia de Deus e foram destronados muitos dos ídolos da passado e quebrados os mais diversos tabús, ainda que substituídos por outros, não se liga a um projecto mobilizador, nem se reveste de alguma imagem grandiosa da vida. Ele coexiste com uma relativa indiferença e apatia. Este movimento veicula, nuns casos a vontade de uma relação social mais estreita, noutros a necessidade de uma fuga ao isolamento e à desolação existentes, noutros ainda a resposta à crise interior provocada pela perda das diferentes referências indispensáveis ao desenvolvimento da pessoa. A promoção, por sua vez, de diversas comunidades locais insere-se no processo de reafirmação das identidades culturais regionais, fomentadas também, entre outros factores, pela procura da própria identidade individual. Numa relação de alteridade, rompida na sociedade de massa, reconstituem-se as duas identidades. A actividade científica e tecnológica, por fim, cria actualmente o contexto para o desenvolvimento de ligames sociais, onde se cruzam afinidades electivas e contactos relativamente estreitos. Tais actividades operam a aproximação das pessoas, ao mesmo tempo que nelas se desperta e se aviva a consciência de recusa da dominação e a vontade de fuga à actual orientação da sociedade.

Na relação particularismo-universalidade, a tendência é para se dar maior relevo ao primeiro termo. É a identidade própria que motiva as condutas individuais e sociais. As sociedades pós-modernas valorizam os particularismos identificadores, os traços de referência e os meios de realização pessoal. O indivíduo vai-se tornando pessoa, ainda que com nova configuração, realizando as suas potencialidades em sociedade, longe de todo o isolamento. A busca da identidade através dos movimentos regionais⁽¹⁴⁾ distingue-se, no entanto, da defesa do direito à diferença que tanto tem mobilizado os segregados e os oprimidos. Não se trata naquele caso de uma identidade de desqualificados sociais, mas da afirmação de uma comunidade de referência baseada numa diferença cultural própria. Se se fala de identidade colectiva é apenas por analogia, enquanto «personalização» de uma formação social.

(14) *L'Homme et la Société*, n.º 83, 1/1987, subordinado ao tema «La mode des identités».

A identidade aparece como uma estratégia usada pelos indivíduos e os grupos para a realização dos seus objectivos. A cultura transforma-se, então, em elemento produtor da identidade dos agentes sociais. A procura e a afirmação da identidade dos grupos e agrupamentos sociais, assim como dos indivíduos, contribuem, por sua vez, para fazer reviver o particularismo daquela cultura. Estas identidades — dos indivíduos e das formações sociais — reforçam-se mutuamente, ao mesmo tempo que desempenham uma importante função de integração.

6.4. Não raras são, por outro lado, as situações em que a redescoberta e a promoção do espírito comunitário, nas suas mais diversas expressões e com os mais diferentes objectivos, produzem uma intimidade tirânica. Pretendendo «edificar uma teoria da expressão social» a partir de uma «visão intimista da sociedade», em que a auto-direcção se impõe à hetero-direcção, Richard Sennett⁽¹⁵⁾ analisa a tirania da proximidade criada pela destruição do equilíbrio tradicional existente entre a actividade pública e a actividade privada, entre a vida pessoal e a vida impessoal formalizada. O desaparecimento do espaço público leva as pessoas a concentrarem-se no domínio interior. Para além das «tirantias brutais», provocadas pela intimidade tirânica da vida banalizada e do Estado polícia, outras situações existem onde essa tirania se exerce de forma subtil. Constatam-se hoje em dia que, destruído o espaço público, as pessoas, ansiando por uma sociabilidade mais intensa e mais íntima, descobrem que as relações sociais se tornam dolorosas e associáveis. As tirantias da intimidade exprimem a recusa tanto da impersonalidade como da total proximidade.

Fugindo assim ao vazio de si próprio, ao abandono em que o deixou cair a sociedade de massa, o indivíduo recusa entregar-se à opressão do grupo que envolve e controla todas as suas actividades. Se o desenvolvimento comunitário lhe oferece uma pertença capaz de lhe reflectir uma imagem de si próprio, também pode limitar ou sufocar mesmo a espontaneidade. Esta vontade generalizada do homem ser ele próprio, ao abrigo de qualquer cons-

(15) Richard Sennett, *O. c.*, pp. 13-15, 24 e 273-276; Barrington Moore Jr., *Privacy: Studies in Social and Cultural History*, Arnouk, M. E. Sharpe, 1984; Orest Ranum, «Os refúgios da intimidade», in Philippe Ariès e Georges Duby, *História da Vida Privada*, Porto, Edições Afrontamento, 1990, pp. 211-266.

trangimento, é actualmente um dado adquirido, tanto mais quanto mais igualmente se vai passando a uma sociedade da pós-homogeneização.

A relação social é, em consequência, fortemente valorizada e tal valorização conduz a uma reconstituição do tecido social, de forma mais densa e coesa, mas simultaneamente contraria toda a tendência para o apagamento das diferenças. O homem actual, nos laços que estabelece com os outros, busca a aproximação ao descobrir que o isolamento é para ele destruidor, mas, desejando ser ele próprio, opõe-se a qualquer nova forma de dissolução ou de opressão. Em muitos meios, urbanos e rurais, da sociedade parece emergir, em tensão, uma tal tendência que, no entender de Richard Sennett, pode ser destruidora de social.

6.5. Quando se consideram as sociedades globais, verifica-se, no entanto, que, não obstante a acção niveladora dos meios de comunicação e a actuação de outros factores, as diferenciações sociais e culturais estão longe de se apagarem. Cada momento histórico aparece sempre como a contemporaneidade de tempos diversos. Se alguns agrupamentos anunciam já formas sociais de futuro, outros veiculam e perpetuam o passado. No mundo actual, encontramos também, por isso, tipos de vivência colectiva que, apesar das influências que neles se cruzam, em pouco divergem de outras eras, sujeitas que estão à inércia social.

Nesta situação, as relações sociais continuam a obedecer à lógica das comunidades tradicionais. O equilíbrio entre a afirmação da pessoa e a sua dissolução no grupo apresenta certamente formas diferentes. Trata-se, de qualquer modo, de heranças do passado que, em muitos casos, podem servir de catalizador para a conservação ou descoberta de identidades. A influência paradigmática de tais relações tenderá a ser tanto mais forte quanto mais a situação envolvente se mostra atomizada e tal atomização é sentida como vazio que gera a necessidade de criação de novos ligames.

Se a diferenciação, como mostrámos acima, é, em muitos casos, uma força geradora de novas aproximações sociais, portanto de heterogeneidade activamente convergente, a partir de uma situação massificada, noutros ela aparece como resistência a uma tal homogeneização. Estas duas forças, de diferenciação e de conservação das identidades tradicionais, associam-se frequentemente num

mesmo movimento, dando origem à afirmação de idiossincrasias e ao desenvolvimento de particularismos.

7. Através da tipificação que acabámos de fazer, procurámos mostrar a coexistência de tipos emergentes de relação social com formas vindas do passado. Muitas aparecerão, no entanto, aqui e além, apenas em esboço, por vezes ainda bastante informes, enquanto outras se apresentam como dominantes. A análise sociológica de carácter teórico compete construir o quadro conceptual compreensível da «realidade» existente. Foi um tal objectivo que tentámos perseguir. Configurámos as situações e individuámos as variáveis que importa correlacionar, sem optimismos inconsequentes e sem pessimismos infundados. Parece ser esta a via que nos pode conduzir à compreensão e explicação da vida associada de hoje, nas sociedades mais desenvolvidas, através de aproximações sucessivas.

Numa tal análise não se poderá, porém, esquecer o papel do Estado no processo de atomização individual e de massificação. Outrora separados, o político e o social, à medida que os governos se tornam mais autocráticos, tendem hoje em dia a fundirem-se, com o perigo iminente de se converterem os dois sistemas. Se umas vezes os aparelhos de Estado se servem da atomização social para se reforçarem, outras promovem-na directamente com o mesmo objectivo. A situação mais corrente nas sociedades modernas é aquela em que prevalece a segunda tendência.

A importância da acção de um Estado totalizante neste processo pode ser comprovada pela reivindicação crescente de espaços neutros. As pessoas vão manifestando, no seu comportamento político, uma recusa decidida de qualquer identificação ideológica, fugindo assim à arregimentação partidária. Esta busca de neutralidade traduz uma das modalidades em que se exprime a nova individuação.

Do ponto de vista epistemológico, deparamos aqui com situações que contrastam com as que existiam no passado. E. Durkheim, por exemplo, propunha a análise das condutas individuais, tais como o suicídio, a partir da coesão nos grupos. Uma tal perspectiva deve ser situada numa época em que processos em curso, nomeadamente a divisão do trabalho e o incremento da solidariedade orgânica, conduziam ao enfraquecimento das comunidades e ao desenvolvimento do individualismo, conservando, no entanto, actual-

mente a sua total pertinência teórica e metodológica. Vinha-se de uma sociedade que apresentava uma configuração acentuadamente comunitária. A situação de hoje é bem diferente. Em muitos lados, sai-se de uma atomização generalizada e buscam-se novas formas de vida associada. A um movimento centrífugo contrapõe-se uma tendência centrípeta. Não será então a comunidade, mas a massificação, que constitui o principal campo de referência. Se outrora os ligames sociais eram essencialmente colectivos, na ausência de uma tal individuação, agora tendem a ser individualísticos, quase sempre sem uma verdadeira dimensão pessoal.

Em épocas bem recentes, o carácter envolvente e tentacular da relação comunitária promovia e alimentava o movimento de individuação e o individualismo em que aquela degenerou, enquanto hoje este individualismo extremado, numa sociedade que foi destruindo o tecido social, gera dialecticamente a procura de ligames personalizados numa vivência grupal ou comunitária, onde não falta também a promoção do que Saint-Exupéry chama «uma rede de laços que nos transforma» (16). Mas, por sua vez, esta busca de novos ligames tende a não consentir a ressurgência daquele carácter tutelar. São diferentes as relações sociais, devendo forçosamente ser também diversas a constituição e a coesão de tais comunidades.

Ainda do ponto de vista epistemológico, se a experimentação macro-sociológica é de difícil, se não de impossível, realização, por sua vez, a análise micro-sociológica nas sociedades pós-industriais, pela descontinuidade do tecido social, não permite sempre, com a necessária fundamentação, a inferência, por razões que não têm unicamente a ver com as alterações qualitativas decorrentes da mudança quantitativa dos fenómenos. As relações sociais são hoje afectadas tanto a nível do macro como dos micro-fenómenos. Sendo a relação social o objecto privilegiado da análise sociológica, revestem-se de capital importância as questões referentes à consistência e continuidade dessas relações.

Neste novo contexto, importante se torna o estudo das formas e dos processos através dos quais se reconstitui o tecido social. Espontaneamente, e obedecendo a uma lógica que lhe é interna,

(16) Saint-Exupéry, *Pilote de Guerre*, Paris, Gallimard, 1984, p. 179.

a realidade humana reencontra sempre novos tipos de equilíbrio após rupturas sucessivas. Está em curso um processo de transformação das relações inter-individuais. A sua modificação conduz, por vezes, a uma complexificação e a um enriquecimento maiores. Saber como a sociedade, na sua reprodução, se produz, criando outros tipos de sociabilidade ou redefinindo as relações sociais herdadas do passado, constitui uma tarefa perene da sociologia. Esta ciência deve estar atenta ao processo de desestruturação e de reestruturação, ao movimento de homogeneização e de heterogeneização, às tendências massificantes e individualizantes, às correntes de coagulação social e de diferenciação, que animam as estruturas sociais modernas. Se a sociedade passa por uma desestruturação, será de esperar que novas estruturas entrem em formação, no movimento geral de sociabilização recíproca e de societação reguladora. À medida, de facto, que se lança um olhar sobre a sociedade massificada, descobre-se uma rede de relações sociais mais fina, que atravessa essas mesmas sociedades. A consideração da dimensão dialéctica faz-nos descobrir o processo que da massificação conduz à individuação e desta àquela, do mesmo modo que a análise do aspecto sincrónico permite pôr a claro sobretudo as redes de relações sobre um fundo de massificação. Poderá pensar-se mesmo numa hierarquia de agrupamentos, de acordo com o grau de personalização das relações sociais, desde as massas anónimas às afinidades electivas com uma intimidade mais ou menos tirânica. Foi com este objectivo que delineámos os possíveis cenários que se apresentam no desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Pretendemos relevar o processo de produção e de reprodução, de desestruturação e de reestruturação, das relações sociais e nele tentar descobrir o sentido para a vida do homem moderno.

António Teixeira Fernandes